

QUÊNIA: MGF falsamente usada como prevenção ao HIV

PlusNews, 30.01.2009

Priscilla Bosibori, que agora tem 17 anos, tinha 14 quando sua tia foi buscá-la na escola em Kisii, no oeste do Quênia, com o pretexto de levá-la a uma importante reunião de família. Uma vez fora da escola, sua tia lhe disse que sua família tinha encontrado uma maneira de protegê-la do HIV.

Bosibori foi acolhida em casa pelas mulheres da família que cantavam e dançavam, e depois foi levada para um quarto onde encontravam-se outras raparigas de sua idade.

"Eu entendi imediatamente que seria circuncidada e fiquei chocada ao notar que mesmo minha mãe, que até então tinha resistido às tentativas de meu pai de me fazer excisar, estava a tentar me convencer de que esta era a melhor maneira de proteger-me da infecção pelo HIV", disse.

Os defensores da mutilação genital feminina (MGF) em Kisii, onde ela é comumente praticada, argumentam que a remoção de parte do clítoris reduz o desejo sexual da mulher e a probabilidade de que ela tenha vários parceiros, diminuindo assim o risco de infecção pelo HIV.

"Quando és circuncidada, não te tornas promíscua, e isto significa que não podes ser infectada pelo HIV; até nossos homens preferem mulheres circuncidadas, que não se tornarão prostitutas", disse Grace Kemunto, que pratica a circuncisão [feminina] tradicional.

Segundo a população local, a campanha do governo e das ONGs para pôr um fim a esta prática fez com que pessoas como Kemunto se tornassem ainda mais agressivas na defesa da MGF. Esta prática vai de encontro à política do Ministério da Saúde e também infringe a Lei da Criança de 2001, que torna ilegal a MGF de raparigas menores de 18 anos.

"Eu não sei de onde vem a ideia de que a mutilação genital feminina pode proteger da infecção pelo HIV, mas a crença nela é muito grande aqui", disse Jacqueline Mogaka, militante contra a MGF na região. "Jovens raparigas estão a buscar voluntariamente a circuncisão por causa desta crença...os defensores desta prática vão morrer lutando por ela."

Estima-se que 97 por cento das raparigas de Kisii sejam circuncidadas, geralmente na adolescência, mas algumas ainda quando são pré-adolescentes.

Uma premissa falsa

Militantes anti-MGF na região dizem que os argumentos usados por pessoas como Kemunto são extremamente prejudiciais, principalmente porque subentende-se que as raparigas e as mulheres detêm o controle de sua vida sexual, o que é falso para a maioria das mulheres em Kisii.

Segundo a Pesquisa sobre Demografia e Saúde realizada no Quênia em 2003, nas zonas rurais da província de Nyanza, onde fica Kisii, estima-se que nove por cento das raparigas casam-se em torno dos 15 anos, enquanto 53 por cento casam-se em torno de 19 anos.

Muitas delas casam-se com homens mais velhos e têm pouca voz no casamento. Mulheres em Nyanza também têm mais probabilidade de reportar violência física e sexual do que em outras regiões do país.

A ideia de que a MGF reduz o desejo sexual é contestada por pesquisadores, cujos estudos mostraram que raparigas circuncidadas não mostram nenhuma diminuição significativa do desejo sexual se comparadas às que não foram circuncidadas.

Dorothy Onyantha está convencida de que sua filha de 12 anos contraiu o HIV quando foi levada em segredo por seu pai à uma cirurgiã tradicional. "O pai mentiu quando lhe disse que a circuncisão a protegeria do HIV", disse ela.

"Ela agora é seropositiva, e eu sei que é por causa da circuncisão; ela me contou que a mulher que praticou a circuncisão usou a mesma faca para 15 raparigas", disse Onyantha. "Agora eu cuido dela sozinha, seu pai nem liga...o que mais importa para ele é o orgulho de ter uma filha circuncidada." Uma das raparigas morreu mais tarde por causa duma hemorragia.

A MGF aumenta o risco de infecção pelo HIV em mulheres, primeiro por causa do uso de uma única lâmina para várias raparigas durante a circuncisão tradicional. Há também um risco maior de hemorragia, o que aumenta a probabilidade de que estas mulheres precisem de transfusões sanguíneas durante a circuncisão, no parto, ou por causa de um rompimento dos tecidos durante a relação sexual; o risco é ainda maior em regiões onde não se pode garantir o suprimento de sangue seguro.

"Como é possível afirmar que a prática da mutilação genital feminina esteja a reduzir a infecção pelo HIV quando sabe-se que uma mesma lâmina pode ser usada para 10 raparigas ou mais?" pergunta Erick Abunga, funcionário médico distrital de Kisii.

Proibida, mas ainda comum

O administrador distrital de Kisii, Benjamin Njoroge, disse que esta prática é difícil de erradicar porque as famílias agora o fazem em segredo por medo das repercussões legais, e que os que tiveram coragem de falar sobre o assunto foram reduzidos ao silêncio pela comunidade.

A luta contra a MGF em Kisii progrediu um pouco graças ao argumento de que os métodos tradicionais aumentam os riscos de infecção pelo HIV, mas ultimamente enfermeiras e parteiras têm continuado a praticar circuncisões.

Militantes anti-MGF dizem que isto é comum, mesmo que seja ilegal, e constitui um obstáculo à luta contra esta prática, porque a circuncisão deixa assim de ser associada ao medo do HIV.

A província de Nyanza tem a taxa mais alta de prevalência do HIV do país – 15,3 por cento – comparada à média nacional que é de 7,4 por cento.